

**MEMÓRIAS DE MIGRANTES: UMA ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS DE  
PARAIBANOS EM IRECÊ NA DÉCADA DE 1950 A 1970**

Marilva Batista Cavalcante  
Mestranda em História Regional e Local – UNEB  
marilvabc@yahoo.com.br

**RESUMO**

Este artigo discute a análise do processo migratório verificado em Irecê nas décadas de 1950 a 1970 e da compreensão das trajetórias de migrantes paraibanos empreendidas nesse deslocamento. Esse trabalho aponta como a narrativa desse deslocamento colabora na discussão da História Regional em suas diversas especificidades, problematizando a história dos sujeitos migrantes e da cidade receptora do fluxo migratório a partir de em um diálogo entre múltiplas fontes históricas. Serão abordadas a partir dos relatos orais as memórias das vivências desses migrantes na tentativa de compreender os diversos sentidos e significados de suas trajetórias, práticas cotidianas e de convivência nesse novo espaço ao passo que colabora para uma nova da migração regional.

Palavras-chave: Migrantes paraibanos, Trajetórias, Memórias.

**INTRODUÇÃO**

Esse artigo discute o processo migratório verificado em Irecê nas décadas de 1940 a 1970 e a compreensão das trajetórias de migrantes paraibanos empreendidas nesse deslocamento. O debate é fruto da indagação dos possíveis motivos, trajetórias e redes de sociabilidade tecidas ao longo desse processo migratório promovendo uma leitura da cidade receptora e trazendo à tona informações obscurecidas pelo tempo e escondidas pela memória.

A análise das trajetórias dos sujeitos migrantes possibilitará uma série de questionamentos acerca do processo migratório e das experiências vivenciadas por esses

sujeitos, visando compreender os sentidos e significados constitutivos nas histórias narradas pelos mesmos.

Nessa perspectiva a composição do trabalho permitiu questionar: Como ocorreu esse processo de migração? O que apontam as trajetórias desses sujeitos migrantes? No que consistiu as redes de solidariedade imbricadas nesse processo migratório? Que conflitos se escamoteiam nesse processo? Estas e outras questões serão acrescidas ao logo da pesquisa, possibilitando um “leque” de novas perspectivas.

Os procedimentos metodológicos e interrogativos adotados na pesquisa apontarão a importância das fontes históricas documentais, iconográficas e, sobretudo, orais, bem como, um diálogo com outras ciências como a geografia, a sociologia e antropologia, destacando a importância da problematização do uso das fontes históricas e do caráter crítico exigido ao historiador na pesquisa, pois “[...] mesmo o mais claro e complacente dos documentos não fala se não quando se sabe interrogar”<sup>1</sup>.

Essa constatação reafirma o compromisso do historiador em questionar as fontes e promover uma leitura nas entrelinhas, verificando as intencionalidades dos discursos, os contextos históricos, o questionamento às homogeneizações e a compreensão da História enquanto ciência das sociedades humanas.

## I - CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTÓRIA REGIONAL

As transformações operadas na historiografia a partir da década de 1980 registraram mudanças significativas no que tange às novas abordagens, novos problemas e novas fontes históricas, pois passaram a compreender a importância das experiências individuais e coletivas e do uso da fonte oral como possibilidade de desvendar as histórias registradas pela memória.

Essa consideração deslocou o interesse de estudos antes pautados na análise de fatos e fontes positivistas, para as redes, o cotidiano, as trajetórias e o singular e, passaram a perceber os sujeitos históricos como construtores de uma reinterpretação do passado abordado na interação entre memória e história, como aponta Marieta Ferreira:

Essa perspectiva que explora as relações entre memória e história possibilitou uma abertura para aceitação do valor dos testemunhos diretos, ao neutralizar as tradicionais críticas e reconhecer que a subjetividade, as distorções de depoimentos e a falta de veracidade imputada podem ser encaradas de uma nova

maneira, não como uma desqualificação, mas como uma fonte adicional para a pesquisa.<sup>2</sup>

Nessa perspectiva, o estudo das questões migratórias envolve uma série de sentidos e significados particulares de um povo resguardados pelas memórias construídas no âmago das múltiplas experiências vividas pelos sujeitos que migram.

Concebe a idéia de que as particularidades das vivências de cada sujeito, do espaço que ocupam e os significados constitutivos em suas trajetórias e experiências imprimem, cotidianamente, em seus locais de existência e na significação de suas histórias, novas identidades e revelam peculiaridades dessas vivências.

Os estudos sobre cidade e seus deslocamentos, que nesta proposta incorpora uma das facetas do estudo demográfico, trouxe contribuições significativas para o campo da História, permitindo problematizar as transformações das vivências dos migrantes, possibilitando discutir as relações sociais imbricadas nas trajetórias e visualizar as variadas identidades construídas no processo de deslocamento e convivência em um novo espaço.

É importante lembrar que a idéia de espaço aqui apresentada, configura-se como lugar praticado<sup>3</sup>, onde os sujeitos constroem e reconstroem, cotidianamente, a partir de suas experiências, novas práticas e novos significados nos espaços pelos quais são absorvidos e com os quais passam a interagir, pois ao deslocar-se por uma heterogeneidade de desejos, de um lugar para o outro, os migrantes criam e recriam circunstâncias e motivações para este deslocamento. Segundo Charles Santana “migrar é viver”.<sup>4</sup>

Assim, a leitura histórica da migração de paraibanos verificada em Irecê, nas décadas de 1940 a 1970, objetivo principal desse artigo, nos permite tecer uma análise da História Regional em suas diversas particularidades e em diferentes momentos históricos.

Sob esta abordagem, a problematização das trajetórias de deslocamento, permanência, vivências e memórias dos migrantes paraibanos na cidade de Irecê, no recorte histórico delimitado, apresentam a concepção da cidade enquanto espaços vividos e múltiplos, pois como afirma Michel Certeau “existem tantos espaços quantas experiências espaciais distintas”.<sup>5</sup>

Muitos questionamentos vão se somando ao longo da pesquisa, considerando que trabalhar com trajetórias, que por sua vez, remete à abordagem do uso da história oral, aguça a curiosidade e desperta o desejo por conhecer as especificidades regionais e as

histórias de vidas entrelaçadas no processo migratório pesquisado e, ainda aponta “[...] a percepção da história oral como um instrumento vital para fazer e refazer identidades relacionadas a lugar ou idade. [...]”.<sup>6</sup>

Por essas questões, trabalhar com a memória desses migrantes e o uso da fonte oral pensada a partir de entrevistas com esses sujeitos, é imprescindível “... porque a história oral abre alternativas de captar o vivido no interior de uma cultura predominantemente matizada pela oralidade”.<sup>7</sup>

É salutar verificar também, os discursos daqueles que interagem cotidianamente com estes migrantes, pois permitem olhar retrospectivamente para a cidade, seus sujeitos e as particularidades dessas vivências, possibilitando tecer uma análise da História Regional em questão.

## II – DESTACANDO AS TRAJETÓRIAS: histórias de vida imbricadas na migração.

Irecê é uma cidade localizada no Sertão, na região correspondente à Chapada Diamantina Setentrional, com cerca de 68 mil habitantes que no período mencionado na pesquisa, possuía como atividade principal e maior riqueza da região, o cultivo do feijão, chegando a mesma receber o título de “capital do feijão”, o que atraiu pessoas de vários lugares do país, inclusive das demais regiões do Nordeste como Paraíba, Ceará e Pernambuco, a fim de trabalhar nas lavouras de feijão, milho e mamona.

Isto denotava uma perspectiva de mudança de vida, uma possibilidade de ascender economicamente, pois algumas das memórias pontuadas nas trajetórias “... prevêm, também, ‘as vias múltiplas do futuro’ combinando as particularidades antecedentes ou possíveis, na medida em que participam no âmago dos processos histórico-culturais”<sup>8</sup>.

Tal exemplo é perceptível no trecho abaixo, que descreve a trajetória de vida do agricultor Mariano Francisco da Silva, natural de Catolé do Rocha/ PB, e sua vinda para Irecê, registrada na obra do memorialista “Irecê, a saga dos imigrantes”:

Em 1947/1948 choveu pouco na Paraíba e muitos estavam em dificuldades, principalmente Mariano, que passou por vários desacertos, perdendo, inclusive, grande parte de seus animais. Então, ele teve notícia de seu primo Cícero Izídio que na Bahia tinha um lugar muito bom para se viver e decidiu vir conhecer Irecê, chegando aqui no ano de 1948. Trabalhando bastante nos terrenos do primo e colheu alguma coisa.

No ano seguinte, 1949 vendeu o que produzira e resolveu retornar à Paraíba, a fim de buscar sua mulher e filhos. Chegando lá fretou um caminhão e veio com sua esposa, dez filhos, cinco homens de trabalho e uma quantidade de víveres [...]. Saíram numa terça feira, do mês de setembro e passaram vários dias viajando em estradas, cortadas entre montanhas e caatingas, até chegar ao sertão de Irecê.<sup>9</sup>

O depoimento nos revela o desejo de “mudar de vida” e de aventurar-se na busca por melhores condições de vida, pensando o processo migratório e Irecê como uma possível solução para uma série de problemas agravados em um período de escassez de chuvas na Paraíba.

É pertinente visualizar, também, a partir do discurso de Mariano, as condições que marcaram o processo de deslocamento desses migrantes, suas possíveis condições sócio-econômicas e culturais e sua percepção sobre a região que os absorvia. Um outro elemento visualizado no discurso, remete às redes de solidariedade.

Nas narrativas dos migrantes, as redes de solidariedade são mostradas como um aspecto crucial da experiência da migração. [...] “redes de relação entre as pessoas que não deixam vestígio escrito atrás delas”. O “caminho migratório” podia ser iniciado por alguns indivíduos de uma determinada região, que então o promoveria ente velhos amigos, vizinhos e familiares. [...] .Elas não apenas proporcionavam um círculo social de apoio, mas era através destas mesmas redes que os migrantes iriam conseguir um emprego melhor, um lugar melhor pra viver, e até mesmo uma esposa ou um marido.<sup>10</sup>

Assim as redes de solidariedade escamoteada no registro oral do senhor Mariano, permitem pensar em uma das formas em que se apresentava esse processo em Irecê, aonde aqueles que primeiro chegaram na cidade ganhadora,<sup>11</sup> propiciavam trabalhos para outros migrantes que vinham interessados em prosperar economicamente.

Essas práticas sociais atenuavam as dificuldades sentidas pelos migrantes de desenraizamento de seus locais de origem ou das dificuldades iniciais diante de um “novo mundo” que se apresentava à sua frente e com o qual eles passavam a conviver

Um outro exemplo que demonstra em que circunstâncias constituíram-se as redes de solidariedade, está presente na trajetória de deslocamento do senhor Domingos Leoneli de Oliveira, natural de Santa Helena/PB “que chegou em 1958, a fim de visitar a irmã que morava em Jacobina. A irmã, que não o via há muito tempo, aconselhou-o a ficar na Bahia, prometendo-lhe arranjar mercadoria para vender em Irecê, lugar onde muitos mascates estavam se saindo muito bem”.<sup>12</sup>

Assim, Irecê vai, ao longo da narrativa, se delineando no período entre 1940 a 1970 como um espaço de vivências cotidianas em que os sujeitos, a partir de suas práticas, constituíam a cidade como um local de projeção econômica.

Observar as trajetórias desses migrantes permite pensar, ainda, as mais variadas condições em que o processo migratório ocorreu, compreendendo que cada sujeito imprime, a partir de suas vivências, significados particulares ao processo e que, por conta disso, deixam transparecer as percepções constitutivas dessa história, as mais diferenciadas memórias que dialogam com seus sentimentos, saudades de tempos de outrora e, as perspectivas em seus novos espaços de vivência.

No que tange as diversas condições nas quais se deu o processo de deslocamento desses migrantes para Irecê, os testemunhos de José Reinaldo da Silva (Zezinho Gago) e sua irmã Amara Cordeiro Farias, apontam as precárias condições de vida, de transporte daquela época e sua indignação frente a esta. Revela ainda, a saudade que os prendiam a antigo espaço de vivência, a Paraíba, ao atribuírem à Irecê a identidade de um local que teve seu desenvolvimento atrelado à vinda de migrantes:

José Reinaldo da Silva (Zezinho Gago), nascido em 1921, em companhia do pai, João Reinaldo da Silva, e do irmão Artur, chegando em 21/08/ 1943, depois de uma viagem que envolveu um caminhão até Juazeiro, trem até o ponto da parada chamado França e sete dias de jegue [...]. Irecê veio desenvolver depois do povo de fora. Irecê, antes não tinha nada [...].

João Reinaldo, retornou à Paraíba a fim de pegar o restante dos filhos, entre os quais Amara cordeiro de Freitas [...]. Ela lembra que chegaram em Petrolina de pau-de-arara, depois foram de trem para Capim Grosso e esperaram transporte, em Jacobina, durante seis dias, até aparecer o caminhão de Vavá, que era dirigido por Gasparino.

Ao chegar no Tombador, que era uma pedreira brilhante, o motorista pediu que todos descessem, pois o caminhão não aguentava subir com tanto peso. E todos desceram, menos Dona Amara, que alegou que se o carro não prestava não devia estar na estrada.<sup>13</sup>

O trecho aponta à direção de constituir a identidade econômica da região enquanto limitada e cheia de restrições, mas revela nas entrelinhas, os desejos subjetivos, impressões e temores dos migrantes diante da cidade receptora desse fluxo migratório, pois, ao classificarem Irecê como local atrasado, o remetem as memórias de seus locais de origem ou das expectativas que faziam do lugar que imaginavam quando migraram em busca de melhores condições.

As aventuras no pau-de-arara é um outro elemento apontado e, que ao dialogar com fontes orais, narram como se configurava esse deslocamento, sugerindo tramas afetivas, laços de amizade, mexerico, saudades de entes queridos que ficaram na Paraíba e memória da dolorosa e exaustiva viagem cortando estradas sem infra-estrutura alguma e a mercê de intempestivos riscos e sentimentos de despego e solidão.

### III - CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias narradas a respeito do processo migratório e das trajetórias dos sujeitos migrantes de diversos locais da Paraíba para Irecê/BA, nesse trabalho, apresentam uma contribuição aos estudos regionais ao tentar definir Irecê enquanto espaço vivido; onde as experiências, práticas, valores, sentidos e significados são construídos e assumem variadas relevâncias para cada sujeito que por sua vez, apontam a heterogeneidade do processo migratório tratado.

Os enredos produzidos nos fios dessa história procuram perceber e problematizar alguns dos elementos pertinentes desse processo migratório. Descrevem possíveis motivos que conduziram a migração aqui apresentada; identifica a partir das memórias, sentidos e sentimentos dos sujeitos migrantes; apresentam as múltiplas formas nas quais ocorreram esses deslocamentos e as redes de solidariedade escamoteadas no mesmo.

Embora as memórias aqui registradas possibilitem tecer alguns comentários a respeito desse processo migratório, algumas abordagens pensadas e apresentadas ao longo deste artigo, pela dimensão inicial da pesquisa, ainda não puderam ser respondidas e sugerem novos questionamentos, novas fontes e outras abordagens.

---

#### Notas

<sup>1</sup> BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p.18.

<sup>2</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Topoi. Rio de Janeiro, 2002, p. 321.

<sup>3</sup> CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p.202.

<sup>4</sup> (SANTANA, Chardel D'Almeida. **Fatura e Ventura camponesas**: Trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950 – 1980. São Paulo: Annablume, 1998, p.105.

<sup>5</sup> CERTEAU, Michel de, op.cit.,1994, p.202.

<sup>6</sup> THOMSON, Alistair e outros. **Os debates sobre memória e história**: alguns aspectos internacionais in AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta Moraes. Usos e Abusos da História Oral ,2002, p.84.

---

<sup>7</sup> SANTANA, Charles, op. cit., 1998, p.20.

<sup>8</sup> SANTANA, Charles, op.cit.,1998, p.36.

<sup>9</sup> RUBENS, Jackson. **Irecê**, a saga dos imigrantes. Irecê/Bahia: Print Fox, 2004,p. 34.

<sup>10</sup> THOMSON, Alistair e outros, op.cit., 2002, p. 346.

<sup>11</sup> BAENINGER, R. Região, Metrópole e Interior: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes. Brasil,1980 –01996. Tese de Doutorado.IFCH/UNUCAMP, 1999. O termo é designado para classificar as regiões de absorção em um processo de migração.

<sup>12</sup> RUBEM, Jackson, op.cit., 2004, p. 58.

<sup>13</sup> RUBEM, Jackson, op.cit.,2004, p. 30.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAENINGER, R. **Região, Metrópole e Interior**: espaços ganhadores e espaços perdedores nas migrações recentes. Brasil,1980 –01996. Tese de Doutorado.IFCH/UNUCAMP, 1999.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. A Invenção do cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Topoi. Rio de Janeiro, 2002.

RUBEM, Jackson. **Irecê**: história, casos e lendas. Irecê/Bahia: Print Fox, 1997.

\_\_\_\_\_. **Irecê**, a saga dos imigrantes. Irecê/Bahia: Print Fox, 2004.

SANTANA, Chardel D’Almeida. **Fatura e Ventura camponesas**: Trabalho, cotidiano e migrações: Bahia 1950 – 1980. São Paulo: Annablume, 1998.

Superintendência de Estudos econômicos e sociais da Bahia. **Panorama da migração dos municípios baianos em 1995-2000**. – Salvador: SEI 200.

THOMSON, Alistair e outros. **Os debates sobre memória e história**: alguns aspectos internacionais in AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta Moraes. Usos e Abusos da História Oral. Campinas, São Paulo,2002.

---

\_\_\_\_\_. Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração,  
**Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol.22, 2002.